

SE EU MORRER,

por

Pedro Eiras

Direitos de autor © 2003 Kinotv LTDA

Todos os direitos reservados. Este produto está protegido por direitos de autor e é distribuído ao abrigo de licenças que restringem a cópia, distribuição e descompilação.

Os olhos aflitos de uma mulher observam a rua movimentada...

...carros acelerando, pedestres apressados, pombos voando, o Sol abrasivo do meio-dia num subúrbio carioca.

Essa mulher é INÊS, uma jovem de vinte e tantos anos. Magra, o rosto fincado por densas olheiras e parcialmente encoberto por espessos óculos de grau, o cabelo ralo dividido ao meio e preso em um rabo de cavalo.

Apesar do calor, Inês usa meias pretas e longas que tentam, sem sucesso, esconder hematomas profundos em suas pernas.

As mãos, pequenas, porém robustas, se entrelaçam num movimento constante e angustiante, mas percebemos feridas que desaparecem por debaixo da manga comprida.

Inês olha para as pessoas ao seu redor. Ela tenta reconhecer algo, alguém... mas vê apenas uma massa incógnita.

É então que ela finalmente identifica algo: dois HOMENS... os olhos opressores fixos nela, revólveres em coldres parcialmente escondidos.

As pernas de Inês vacilam, como se subitamente incapazes de sustentar o corpo esguio.

Os dois homens mantêm seus olhos cravados em Inês, observando atentamente cada movimento da jovem.

Mas, de repente... ela ouve um ônibus se aproximando ao longe, o barulho estridente do motor anunciando sua chegada iminente.

Ela olha pro letreiro do coletivo, mas não consegue ler nada.

Ao seu redor, as pessoas parecem não ter faces. Os sons da rua se misturam num zumbido constante.

Só duas coisas permanecem: os rostos inflexíveis dos homens que a observam e o crescente barulho do motor do ônibus, que acelera cada vez mais.

Inês olha para os pneus gigantes se aproximando. Pro asfalto quente em sua frente. Pro Sol intenso refletido contra os carros que passam voando.

Seus olhos cansados saltam de um lado para o outro, procurando por ajuda, amparo, socorro... mas há somente o barulho do motor e o olhar vigilante dos homens armados.

A respiração de Inês se intensifica, perde o ritmo. O ônibus está muito próximo. Os pneus enormes a poucos metros. Então...

...ELA OLHA PARA A CÂMERA.

Seus olhos evidenciam algo... desespero, medo, angústia... resignação... uma resolução profunda.

Ela respira fundo e...

2

INT. - FESTA\APARTAMENTO NO CATETE - RIO

2

...um brilho intenso se desfaz aos poucos, revelando uma enorme luminária de cristal.

Vemos SÍLVIA, sentada num sofá no canto de uma sala de estar ampla e luxuosa. Ela é jovem, uns trinta e poucos anos, mas tem o olhar desgastado de quem já viveu muita coisa.

Ao fundo, ouvimos bossa-nova. Pessoas se espalham por todos os cantos, conversando, bebendo, rindo, fumando.

SUPER: Rio de Janeiro, 1978

Sílvia permanece alheia a tudo, mas uma gargalhada súbita e inebriada a puxa pro momento. É ORLANDO, um jornalista das antigas, sentado ao seu lado.

ORLANDO

É uma puta de uma sacanagem esse
lenga-lenga todo, porra!

Do seu outro lado está GILDA, uma repórter jovem e arrojada que sorri levemente enquanto traga a fumaça espessa de seu cigarro.

GILDA

Mas é o que tá correndo lá em
Brasília, ué.

ORLANDO

Ah, puta que pariu.

Gilda se vira pra Sílvia, arrastando-a de volta pra conversa.

GILDA

Né, Sílvia? Que o Geisel até tá
querendo assinar logo, mas...

SÍLVIA

Mas não assina, né...

ORLANDO

Foda-se o Geisel. Ele querendo ou não, vai acontecer.

GILDA

Ah, sim. É uma questão de tempo.

SÍLVIA

Então tu acha que sai esse ano?

GILDA

Eu acho que sim.

ORLANDO

Tá na hora, porra!

SÍLVIA

Mas depois de 74, sei lá, parece que deu um medo neles.

GILDA

Ah, isso é. Olha aí o Pacote de Abril, né não? A verdade é que eles não vão assinar nada sem antes garantir tudo pro lado deles.

ORLANDO

Eles tão é se cagando de medo do MDB, do Ulysses.

SÍLVIA

Hum... medo?! Não sei medo do quê! O Portella tá até lá na ABI já, falando em transição "sem revanchismo" e tudo.

GILDA

Ah, é... isso aí não adianta, não vai ter anistia de outro jeito.

SÍLVIA

É uma puta sacanagem... um monte de crime na ficha deles que vai ó...

Orlando solta uma gargalhada turbulenta, que praticamente balança o sofá.

ORLANDO

Crime?! Porra, Sílvia... Pra eles nada é crime. Tortura dá promoção, porra. Gratificação no contracheque.

SÍLVIA

E aí deixa de ser crime?

ORLANDO

Tá, tá, verdade. Mas a parada é que eles institucionalizaram o crime, porra. É isso que tu tem que entender.

GILDA

Fora que não dá mais pra eles colocarem na conta de uma meia dúzia só. Ninguém compra mais esse papo deles.

SÍLVIA

Tá, esse papo ninguém compra mais, beleza. Mas essa história de "sem revanchismo"... isso tá todo mundo comprando rapidinho.

ORLANDO

(rindo, embriagado)

Ha! Puta que pariu, Sílvia! E tu achou mesmo que ia acabar de outro jeito?

SÍLVIA

Sei lá o que eu achei, Orlando. Só não achei que ia acabar assim, sem nem uma aparência de... sei lá, de juridicidade, porra. E pior, com metade do país achando que os militares não fizeram nada de mais.

ORLANDO

(achando tudo engraçado)

Juridicidade! Ha! Tu tá... tá é... toda "Libelu", caralho. Muita maconha, hein Sílvia! Vivendo nas nuvens é?

Orlando ri largamente enquanto se levanta do sofá com dificuldade.

ORLANDO (CONT'D)

Vou lá é pegar mais cerveja enquanto tu volta aqui pra terra, beleza?

Meio cambaleante, Orlando atravessa a sala enquanto Sílvia o observa com um olhar ressentido.

Ao seu lado, Gilda sorri levemente e abre a bolsa, de onde retira um cigarro e um isqueiro, os quais ela oferece para Sílvia, que aceita imediatamente.

Levemente intrigada, Gilda esquadrinha o rosto de Sílvia enquanto acende seu cigarro.

GILDA

Essa velha guarda é complicada.

Sílvia dá um trago longo enquanto observa Orlando, que anda de forma tropeça e acaba esbarrando em outro convidado.

GILDA (CONT'D)

O Orlando, ele diz que não, mas ele comprou o discurso do MDB. "Sem revanchismo".

Sílvia, seu olhar expondo um certo desprezo, observa o colega bêbado.

GILDA (CONT'D)

É difícil, mas é o que vai acontecer. É o preço pra acabar com o regime.

(pausa, resignada)

Os militares vão sair intactos.

Sílvia solta um grunhido inconformado, e as duas fumam em silêncio por alguns segundos.

GILDA (CONT'D)

Sabe com quem tu tinha que falar?

Sílvia não esboça uma reação. Ela permanece com o olhar fixo em Orlando, que continua sua conversa barulhenta.

GILDA (CONT'D)

Tu já ouviu falar nesses centros de clandestinos do DOPS, certo?

SÍLVIA

Sim. De alguns.

GILDA

Pois é. Dizem que teve um aqui no Rio.

SÍLVIA

Em São Conrado, né?

GILDA

Não, não. Na região serrana.

Sílvia, surpresa, finalmente se vira para Gilda. Percebendo ter a atenção da colega, Gilda fala com mais resolução.

GILDA (CONT'D)

Tem uma mulher presa em Bangu, Inês Etienne Romeu. Tá cumprindo prisão perpétua. Ela tava no sequestro do Bucher com o Lamarca. Ela ficou uns meses nessa casa do DOPS na serra. Quatro meses, parece. A irmã dela é jornalista também. Lúcia. Essa história já tem um tempo. Eu até queria ir lá falar com ela, mas já tem muita coisa rolando no Estadão.

(pausa)

Tu devia ir lá em Bangu, Sílvia. Tentar ver se ela fala contigo.

SÍLVIA

Ela ficou quatro meses num centro do DOPS?

GILDA

Isso.

SÍLVIA

Quando que foi isso?

GILDA

Ah, faz um tempo já. Foi em 70, 71, por aí.

SÍLVIA

E era na serra aqui do Rio?

GILDA

Acho que sim, mas não sei. Dizem que ela virou cachorrinha da repressão... mas, não sei, acho difícil. Só sei que ela viu muita coisa lá nessa casa. Ela sabe de muita coisa. Ou seja, se ela resolver falar...

Gilda solta uma baforada extensa. Sílvia se reclina contra o sofá e coloca o cigarro nos lábios, mas não traga.

SÍLVIA

E como que eu consigo falar com ela?

GILDA

A melhor coisa é tu falar com a irmã dela primeiro, a que é jornalista. Lúcia Romeu. Eu não tenho o contato dela, mas lá no JB alguém te consegue. Acho que o Júlio trabalhou com ela, inclusive.

Sílvia meneia a cabeça e traga o cigarro lentamente. Gilda continua a falar...

...mas Sílvia não ouve mais nada. Seus olhos desfocam e, conforme a bossa nova ecoa no apartamento enorme, ganham uma intensidade familiar.

3

INT. - APARTAMENTO DA SÍLVIA - NOITE

3

O barulho constante da cidade ao longe é quebrado pelo ruidoso desencaixar das trancas do apartamento de Sílvia, localizado em uma pequena rua sem saída em Botafogo.

É um lugar simples, utilitário, onde tudo serve a um propósito pragmático.

Apesar disso, alguns rompantes de vida surgem aqui e ali. Porta-retratos, umas duas ou três plantas sobrevivendo em vasos secos, livros e discos espalhados sobre móveis antigos.

Sílvia entra e fecha a porta, trancando-a apressadamente. Sem nem acender a luz, ela segue direto para o telefone e disca um número quase que automaticamente.

Não demora muito e alguém atende do outro lado.

SÍLVIA

Júlio, eu preciso de um favor.

(pausa)

Não, peraí. Tu já ouviu falar em uma Lúcia Romeu?

(pausa)

Lúcia Romeu. Ela é jornalista.

(pausa)

Eu preciso falar com ela.

Amanhã eu te explico.

(pausa)

Beleza. Até amanhã, Júlio.

A ligação termina, e o olhar de Sílvia viaja pela janela até algo posicionado ao lado da TV.

Um porta-retrato. Nele, uma foto: Sílvia, mais jovem, o rosto repleto de vida. Ao seu lado, um rapaz jovem e sorridente.

Sílvia contempla os rostos impressos no retrato, mas algo a mantém estática, fitando o rosto do jovem rapaz quase sem piscar, suas mãos apertando fortemente o telefone enquanto o tom de ligação encerrada ecoa pela sala.

4

INT. - REDAÇÃO JORNAL DO BRASIL - DIA

4

Uma dúzia de luzes fluorescentes alinham o teto baixo da redação do Jornal do Brasil. Colunas massivas delimitam a posição de diversas mesas largas.

O barulho é constante. Conversas no telefone. Máquinas de escrever. O rufar de centenas de papéis, jornais e livros.

Num canto, Sílvia trabalha em um cubículo demarcado por uma repartição de metal e vidro. Papéis e anotações tomam conta da mesa pequena, uma máquina de escrever perdida em meio à bagunça.

Sílvia fala ao telefone.

SÍLVIA
... certeza disso? (pausa) OK,
peraí, peraí.

Ela procura por um documento em meio ao mar de cadernos e papéis.

SÍLVIA (CONT'D)
Só um segundo, Helinho.

Ela logo encontra o papel que estava procurando.

SÍLVIA (CONT'D)
Ó, é 5762093. Isso. 093. Gabriel
Motta Fernandes. (pausa). Não, só
queria tentar... não sei, olha aí
pra mim por favor, Hélio!

Ela respira de forma desigual, os olhos cansados focados no papel em sua mão.

É uma cópia do Registro Civil de um jovem chamado Gabriel Motta Fernandes, o mesmo rapaz do porta-retrato que Sílvia fitava em seu apartamento no dia anterior.

Quando a voz retorna no outro lado da linha, Sílvia toma um susto.

SÍLVIA (CONT'D)
Oi? Pode falar.
(pausa, decepcionada)
Tem certeza Helinho? Nada?!
(MORE)

SÍLVIA (CONT'D)

(pausa)

Tá bom. Qualquer coisa me liga, tá.

Sílvia desliga o telefone e se reclina contra a cadeira, olhando para o papel em suas mãos enquanto escuta o barulho ininterrupto da redação.

De repente, a cabeça de um homem surge sobre a repartição. Ele é JÚLIO, cinquenta e tantos anos, os cabelos grisalhos bem cuidados e um olhar imperturbável, quase inflexível.

JÚLIO

Alguma coisa?

Sílvia meneia a cabeça negativamente.

JÚLIO (CONT'D)

Você tá bem?

SÍLVIA

Tô.

Júlio não se convence. Sílvia sorri.

SÍLVIA (CONT'D)

Tô bem, porra. Tudo bem.

Após alguns segundos, Júlio estica o braço, um pedaço de papel em sua mão.

JÚLIO

Aqui, o endereço da Lúcia.

Sílvia levanta imediatamente, agarrando o pedaço de papel.

SÍLVIA

Endereço?

JÚLIO

Ela disse que só fala contigo pessoalmente, na casa dela.

Sílvia olha pro pedaço de papel e se assusta.

SÍLVIA

É em Belo Horizonte, Júlio!

JÚLIO

Ué, você tem carro, não tem?

SÍLVIA

Tu conhece ela?

JÚLIO
A gente trabalhou junto no Estado
de Minas. Faz um tempo isso, já.

Sílvia se senta, já arrumando suas coisas. Júlio a observa
por alguns segundos.

JÚLIO (CONT'D)
De nada.

SÍLVIA
Ah... obrigada.

Júlio balança a cabeça, mas não vai embora. Sílvia percebe o
olhar do editor-chefe pairando sobre ela.

SÍLVIA (CONT'D)
Que que foi?

Ele dá a volta na repartição curta e entra no cubículo de
Sílvia.

JÚLIO
Pra que você quer falar com ela?

SÍLVIA
Tu sabe que a Lúcia tem uma irmã?

JÚLIO
A Inês?

SÍLVIA
Tu já sabe então!?

JÚLIO
Que ela tá em Bangu? Sim.

SÍLVIA
Mas tu sabe da casa do DOPS?

JÚLIO
Que casa?

SÍLVIA
Antes de ir pra Bangu, ela ficou
meses desaparecida. Dizem que num
centro clandestino do DOPS aqui no
Rio, na região serrana.

JÚLIO
Mas "dizem" quem?